

## FISSURAS DE UMA MONOGAMIA IMPOSTA: MARGENS QUE SE ABREM PARA O ADOECIMENTO PSÍQUICO DE MULHERES

ISABELA CRISTINA RODRIGUES CUTER<sup>1</sup>; CAMILA PEIXOTO FARIAS<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) – [isabelacuter@gmail.com](mailto:isabelacuter@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) – [pfcamila@hotmail.com](mailto:pfcamila@hotmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este escrito está articulado com as ideias iniciais de um trabalho de conclusão de curso, em construção, sendo realizado no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas e vinculado ao grupo Pulsional – Núcleo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise. Aqui, pretendemos investigar quais os possíveis desdobramentos psíquicos de uma monogamia que, como procuraremos mostrar, é imposta preponderantemente às mulheres. Contando com o auxílio de teorias psicanalíticas clássicas e contemporâneas, bem como de leituras feministas, pretendemos trazer para a presente pesquisa um corpo implicado – que se afeta pela teoria e que pretende também afetá-la.

Portanto, esse estudo procura mostrar a expectativa de que mulheres e seus corpos performem a monogamia sem hesitar – caracterizada pela possibilidade única de investimento dos afetos, sendo qualquer outro caminho deslegitimado. Impedidas, portanto, de vivenciarem outros formatos possíveis de relação e tendo suas experiências constantemente silenciadas, queremos salientar que as lógicas de atribuição da monogamia como norma preponderantemente imposta para as mulheres pode ser um fator de adoecimento psíquico. A temática não pretende ser esgotada aqui; esperamos seguir com a pesquisa durante a produção do já mencionado trabalho de conclusão de curso.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a construção desse trabalho se deu de maneira teórica, com sua base fundamentada pelo método psicanalítico de pesquisa. Segundo Figueiredo e Minerbo (2006), este consiste em analisar um conhecimento que está sempre em expansão, com reformulação a todo momento de seus objetos de estudo. Para os autores, uma pesquisa que segue o método psicanalítico só pode ser realizada corpo-a-corpo, com a implicação do pesquisador na sua escolha do referencial teórico a ser utilizado; para tanto, é esperado que haja uma transformação mútua – dos objetos de estudo e do sujeito que pesquisa. Reiteram, ainda, que a pesquisa amparada por esse método encontra espaço para uma dimensão criativa do descobrir e do inventar.

Dockhorn e Macedo (2015) exploram a ideia de uma pesquisa que explore a complexidade dos sujeitos e dos fenômenos humanos, abrindo mão do dualismo que separa sujeito investigador e objeto investigado; ao contrário, a relação entre ambos é que pode ser geradora de conhecimento. As autoras ainda colocam que a finalidade de uma pesquisa amparada pelo método psicanalítico não é a de oferecer respostas permanentes, que delimitem o fenômeno estudado; mas, sim, o de abertura para novas compreensões a respeito dele.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As lógicas monogâmicas, amparadas sobretudo por um formato heterossexual de investimento no outro são, atualmente, sinônimo de amor. Esse

sistema – que se ancora sobretudo na heteronormatividade, no patriarcado e no capitalismo – tem como marcas fundamentais a romantização do vínculo, o compromisso sexual e a exclusividade dos afetos (Vasallo, 2022). No entanto, como destacam os autores que utilizamos durante a pesquisa, a monogamia não pode ser estudada sem que se considerem antes alguns marcadores sociais, como os de raça, classe e gênero. Para a discussão, vamos procurar entender de que forma ela é incutida aos diferentes gêneros, bem como quais performances são esperadas de mulheres nesse contexto.

Fazendo um apanhado histórico, Federici (2017) coloca que, durante a colonização das Américas, práticas não monogâmicas foram expressamente proibidas. No entanto, essa medida era muito mais esperada de mulheres – inclusive, em grande maioria, mulheres não brancas não se viam livres de terem seus corpos estuprados pelos homens nesse contexto. Eles, ao contrário, eram sempre estimulados a penetrar a maior quantidade de mulheres possível, compartilhando essas performances com seus pares.

A Caça às Bruxas, que Federici (2017) situa principalmente entre os séculos XV e XVI, denunciou que mulheres parteiras, mulheres que evitavam a maternidade e mulheres mendigas representavam grande ameaça ao sistema patriarcal e capitalista da Europa. Mas não só elas: mulheres chamadas de libertinas e promíscuas também – ou seja, aquelas que precisavam recorrer à prostituição de seus corpos ou que se utilizavam da sexualidade para além dos vínculos do casamento ou da procriação. Mulheres adúlteras, nesse contexto, eram queimadas na fogueira. Gomes, Balestero e Rosa (2016) salientam que, para os homens, o adultério sempre foi uma questão de masculinidade e necessidade hormonal que deveria ser atendida, estando a eles garantida a infidelidade conjugal.

Em corroboração a isto, Zanello (2018) nos provoca a pensar que, ao longo do tempo, o conceito de amor foi sendo modelado pela cultura. Levando em consideração que a subjetivação dos corpos acontece de maneira distinta entre os gêneros, é possível compreender que a monogamia também se apresenta a eles de maneira bastante desigual. Enquanto os homens seguem uma lógica fálica, com sua virilidade sendo considerada fator de proteção, às mulheres é esperada a renúncia sexual e o amor ao outro – sendo esse amor fortemente direcionado para os cuidados da casa, do marido e dos filhos. É naturalizado na nossa sociedade, portanto, que as mulheres desinvistam de si mesmas em prol de um investimento dedicado a outrem.

Zanello (2018) ainda reitera que os homens estão sempre autorizados a amar muitas coisas – como o trabalho e seus diferentes *hobbies* –, isentos, muitas vezes, da responsabilidade dos compromissos do lar e seguindo lógicas não monogâmicas de investimento; em contrapartida, às mulheres cabe apenas um único objeto de amor: os próprios homens. Portanto, quanto mais uma mulher está encarregada do cuidado do outro, menor é a sua chance de receber para si o mesmo investimento vindo de outras pessoas (Biroli, 2018), em uma balança de afetos que se encontra sempre desigual. Nesse cenário, enquanto o amor é considerado tema central na vida de mulheres, é considerado apenas um dos muitos caminhos possíveis de investimento para os homens, autorizados a possuir vários objetos amorosos de acordo com uma falsa justificativa biológica.

O “ser mulher”, portanto, passa por retratos de docilidade, devoção, recato e, sobretudo, amor. Como resultado, há o aprisionamento das mulheres ao cumprimento dos desejos do outro – em especial, dos homens –, fazendo com que suas próprias vivências sejam silenciadas. Quando as mulheres, mulheres pretas de maneira mais prevalente, impõem limites ou seus sentimentos são

comunicados, frequentemente são interpretadas como agressivas e acabam por ser punidas (Zanello, 2018).

Dessa forma, parece-nos coerente dizer que as relações de poder que subordinam as mulheres aos homens foram ancoradas, sobretudo, em explicações biológicas falaciosas, usadas com o intuito de naturalizar algo que foi socialmente construído durante séculos – como, por exemplo, uma fantasiosa inclinação das mulheres ao cuidado do outro (Biroli, 2018), resultando em cenários em que a monogamia lhes é imposta. Quaisquer que sejam os possíveis outros encaminhamentos dos afetos realizados por essas mulheres, seguindo lógicas não monogâmicas de investimento, o resultado acaba por ser sempre o mesmo: o seu apagamento, que certamente tem grande potencial de adoecê-las física e psiquicamente.

Partindo de perspectivas psicanalíticas clássicas e contemporâneas, é preciso levar em conta que forças extrínsecas e intrínsecas aos sujeitos somente sobrevivem entrelaçadas; ou seja, normativas sociais e lógicas inconscientes atuam sempre em conjunto em sua constituição psíquica. Para tanto, tentamos entender, para além do que dizem as normativas sociais, de que maneira elas são propagadas e o porquê de apresentarem tanta força dentro das relações humanas.

Podemos considerar o encontro adulto-criança como uma *situação antropológica fundamental*, no sentido de que a presença da disponibilidade psíquica do adulto é indispensável ao processo de constituição subjetiva da criança (Laplanche, 2015). Durante o cuidado que esse adulto dedica ao bebê no início da vida, a fim de que suas necessidades básicas para a sobrevivência sejam atendidas, existem afetos do cuidador que são transmitidos a ele, ainda que de forma inconsciente. São as chamadas *mensagens enigmáticas* (Laplanche, 1988), que contam, entre muitas outras coisas, com os registros das normativas sociais às quais o adulto se encontra atrelado. Dessa maneira, crianças identificadas como meninas entram em contato com a lógica da monogamia desde muito cedo, recebendo investimentos que podem direcionar seu pulsional ao cuidado do outro – e, sobretudo, ao cuidado dos homens em uma sociedade heteronormativa.

Ainda para Laplanche (1988), a capacidade que a criança adquire de integrar o que acontece em sua realidade psíquica passa pela possibilidade de elaboração presente na vivência que a relaciona ao ambiente. Quando essa capacidade é oferecida pelos cuidadores, então, torna-se ainda mais potente, visto que estes são figuras de extrema importância durante as fases iniciais da vida dos indivíduos. Ainda assim, é importante frisar que a criança, mesmo que apresente menos recursos simbólicos disponíveis em seu psiquismo do que os adultos, pode fazer um trabalho singular de tradução das mensagens que chegam a ela através do cuidador, o que pode resultar em tentativas de resistência às normativas sociais.

Podemos inferir que as lógicas monogâmicas de investimento são transmitidas ao bebê desde o início de seu desenvolvimento físico e psíquico, marcando sua subjetividade de maneira profunda pelo adulto cuidador, atravessado pela cultura a qual pertence. Como vimos, a monogamia está entranhada nas lógicas que nos cercam e, portanto, habita também o inconsciente dos adultos cuidadores. Por essas lógicas chegarem através dos vínculos mais próximos que a criança experimenta durante toda a vida, tornam-se ainda mais simbólicas e representativas, de forma que a presença de qualquer outra maneira de se relacionar com o outro possa ser interpretada pela sociedade como ilegítima – ainda que esteja de acordo com a multiplicidade de caminhos que o pulsional pode percorrer, singulares a cada sujeito (Freud, 1930). No entanto, apesar de algumas mensagens serem transmitidas a partir de lógicas de violência às crianças

identificadas socialmente como meninas, ainda é possível que as mesmas encontrem recursos simbólicos para atribuir novos sentidos àquilo que é destinado a elas.

#### 4. CONCLUSÕES

Em consonância com as literaturas utilizadas, fica claro que existe um estudo bastante escasso da temática da monogamia. Não por acaso: o assunto, por tratar de um afastamento da normatividade Ocidental das relações, em que se espera que o afeto envolva sempre dois indivíduos específicos – o homem branco, burguês, cisgênero e heterossexual; a mulher apta a exercer os cuidados da família e da casa, branca, cisgênera e heterossexual –, percebemos que existe certa recusa social em permitir que as relações amorosas se apresentem a partir de formatos outros, contrários aos monogâmicos, especialmente para as mulheres.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.

DOCKHORN, C. N. de B. F.; MACEDO, M. M. K. Estratégia Clínico-Interpretativa:: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S. l.], v. 31, n. 4, p. 529–535, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/18068>>. Acesso em 14 de julho de 2023.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. Editora Elefante, 2017.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352006000100017&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-58352006000100017&script=sci_arttext). Acesso em 14 de julho de 2023.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos** (1930-1936). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOMES, Renata Nascimento. Teorias da dominação masculina: uma análise crítica da violência de gênero para uma construção emancipatória. **Libertas: Revista de Pesquisa em Direito**, v. 2, n. 1, 2016.

LAPLANCHE, Jean. **A teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LAPLANCHE, Jean. **Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano** (2000- 2006). Porto Alegre: Dublinense, 2015.

VASALLO, Brigitte. **O desafio poliamoroso: por uma nova política dos afetos**. Editora Elefante, 2022.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos. Cultura e processos de subjetivação**. Editora Appris, 2018.